

Maria Alice Gouveia

Romance

Em busca da Liberdade

Título: EM BUSCA DA LIBERDADE
©2021 Maria Alice Gouveia e Editorial Novembro

Autora: Maria Alice Gouveia

Coordenação Editorial: Editorial Novembro, Edições
Cão Menor, Unip Lda

Conceção e Produção Gráfica: Editorial Novembro,
Edições Cão Menor, Unip Lda

Ilustração de capa e miolo: Helena Paula Brântuas

1ª edição: Junho de 2021

Impressão e Acabamento: PENAGRÁFICA - ARTES
GRÁFICAS, LDA

Depósito legal n.º: 483823/21

ISBN: 978-989-54912-1-6

Reservados todos os direitos

Editorial Novembro
Uma Editora do Grupo de Comunicação Novembro
Rua S. João de Deus, n.º 116, 2.º andar, Sala 3,
4760-162 Vila Nova de Famalicão
www.novembro.pt
telf. 252 861 330



EDITORIAL .
NOVEMBRO

Ao meu marido e à minha mãe, por fazerem parte da minha vida e, em especial, por me apoiarem neste percurso literário.

À Dr^a Avelina Ferraz, minha coordenadora literária e editora, por, desde o primeiro momento, acreditar e apostar na minha escrita.

À Narcisa Moura, pelo seu profissionalismo, simpatia e disponibilidade.

À Prof. Helena Paula Brântuas, por ter aceite o meu desafio e me ter brindado com os desenhos da capa e do miolo deste livro.

Introdução

Depois de escrever os livros “Os Donatos” e “Uma Verdadeira Família” resolvi encerrar o tema da emigração com este livro.

É um facto de que milhares de pessoas oriundas da China, do Vietname, de Cuba, entre outros países, onde imperava o comunismo, estão hoje espalhadas pelo mundo, a sua maioria nos EUA. Foi de forma agonizante que deixaram os seus países de origem, ou os países onde viveram durante vários anos. Foi sobre estas pessoas que eu decidi escrever. Vou tentar transmitir, da forma mais real possível, as vivências que me foram relatadas por homens e mulheres que viveram na pele, essa experiência traumática.

Apercebi-me de que mesmo as pessoas com maior nível de instrução sabem muito pouco sobre a forma, especialmente para as mulheres, como as tradições da China interferiam nas suas vidas.

O primeiro capítulo começa por apresentar a família Wang, ancestrais de Lynn/Li, a personagem principal feminina da história. Ao casar-se com Chang Wu, como era tradição da China, ela foi obrigada a cortar os laços familiares e passou a pertencer, apenas, à família Wu, adotando o nome de Li Wu.

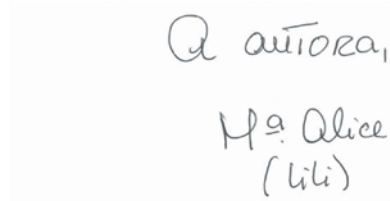
A Família Wu, fugiria, mais tarde, para o Vietname do Sul, insatisfeita com a vida insegura que tinha na China Comunista.

Quando o Vietname do Sul se tornou também num país comunista, a família Wu voltou a fugir, desta vez arriscando a vida de todos. Era agora uma família mais numerosa, com sete filhos, dois netos, uma nora e um genro.

Depois de uma viagem pesadelo, por mera coincidência do destino, acostaram numa ilha da Malásia, acabando por serem

acolhidos pelos Serviços dos Estados Unidos da América (se não exponho o nome da Ilha é porque para eles o mais importante foi chegar a um país que os levaria à Liberdade).

A segunda parte resulta de uma pesquisa que realizei, em contexto com a história narrada neste livro, para contextualizar o leitor, quer no espaço, quer no tempo.



A autora,
M.ª Alice
(Lili)



Capítulo 1

Os habitantes da China, país onde a família Wang (que significa Rei, Esperança ou Desejo) nasceu e sempre viveu, eram todos conhecidos pelo apelido e não pelo nome próprio.

Salvo raras exceções, através do casamento, as mulheres cortavam, definitivamente, os laços com todos os seus familiares, perdendo o contacto com eles.

O casamento de Gen (que significa Raiz) e Lee (que significa Ameixa) foi um casamento tradicional, que aconteceu através de uma intermediária, que ajudou a negociar o valor do dote de Lee, pago pela família do noivo à família da noiva.

Gen tinha dezoito anos e Lee apenas catorze, quando casaram.

Nem Gen nem Lee fizeram parte dessas negociações. Eles só se conheceram no dia do casamento.

Desse enlace, nasceu em 1907, ano do Carneiro, um filho varão, Zheng (que significa Justiça ou Governo).

A família Wang era uma família abastada de comerciantes e Gen, apesar da sua pouca cultura, era um fervoroso admirador, não só da doutrina do filósofo clássico Confúcio, em chinês K'un-g-fu Tzu, mas também dos seus seguidores.

Confúcio tinha-se tornado num dos pensadores mais influentes da História Chinesa e os seus ensinamentos propagaram-se de boca em boca, ao longo dos anos.

Zheng foi enviado para a escola quando completou sete anos, mas regressava a casa dos pais, anualmente, para festejar o Ano Novo Chinês.

Findos os festejos, Zheng voltava para a escola, repetindo-se esta rotina, durante vários anos.

Ao completar treze anos, foi informado pelo pai de que tinha sido prometido em casamento.

Os filhos que estavam ausentes, se não fossem oficialmente informados pelos pais de que estavam prometidos em casamento, tinham liberdade para casar e esse casamento era válido, por isso, Zheng recebeu essa notícia tão cedo.

Os poucos chineses que conseguiam casar à revelia dos pais não hesitavam em fazê-lo.

No ano em que completou dezanove anos, em 1926, quando chegou a casa dos seus progenitores, para festejar com a sua família o Ano Novo Chinês, Zheng foi informado de que o seu casamento estava marcado para dois dias depois do término dos festejos.

Para Zheng não fazia diferença casar-se com essa idade ou mais velho, pois enquanto o pai vivesse, seria ele a reger a sua vida.

Da noiva, sabia apenas que se chamava Yue (que significa Alegre ou Feliz) e que tinha nascido em 1911, ano do Porco, tendo, por isso, quinze anos.

Além dos seus pais e dos pais da noiva já terem trocado as credenciais familiares, como prova de boas intenções, também tinham trocado presentes de noivado e os pais de Zheng pago aos pais da noiva o dote acordado entre eles.

O dia de Ano Novo corresponde ao primeiro dia lunar e o décimo quinto dia lunar, o último das comemorações, encerra as festividades, com o Festival das Lanternas, também conhecido por Yuanxiao Jie.



Capítulo 2

O casamento aconteceu no décimo sétimo dia do Ano Novo Chinês.

Durante as cerimónias tradicionais, Zheng, vestido com um vestido longo, sapatos vermelhos e uma faixa de seda vermelha com uma bola de seda no ombro, ajoelhou no altar familiar enquanto o seu pai lhe colocava um boné, decorado com folhas de cipreste. De seguida, dirigiu-se em procissão, no meio de foguetes, e ao som de gongos e tambores, para a casa da noiva.

Enquanto isso, decorriam as cerimónias em casa de Yue. Depois de ter penteado o cabelo, vestiu uma jaqueta e uma saia e calçou um par de sapatos vermelhos, que, para lhe dar boa sorte, tinham sido colocados no centro de uma peneira. Depois de todas as preparações, a noiva curvou-se diante dos pais e das tabuletas dos seus ancestrais. Antes de abandonar a casa paterna, Yue prostrou-se, mais uma vez, diante dos pais, e também de todos os familiares presentes.

Já em casa da noiva e diante do sogro, da sogra, dos tios e dos parentes mais próximos da noiva, Zheng foi convidado a comer com a família, tendo-lhe sido oferecidos um par de *chopsticks* (pauzinhos chineses) e duas taças de vinho.

Terminadas as formalidades, a noiva abandonou definitivamente a família e o lar, sendo colocada às cavalitas pelo porta-voz do noivo numa liteira, cuja porta foi fechada à chave e a chave guardada.

Todos os pertences da noiva foram carregados por pessoas e por animais, em procissão, acompanhados pelo noivo, a cavalo. Já perto da casa que os iria receber, Zheng tomou a dianteira e esperou pela noiva junto ao portão. Nessa altura foi-lhe entregue a chave da liteira, e ele iria, pela primeira vez, ver o rosto da sua noiva.

Mal viu Yue, o seu coração disparou. Imediatamente, fechou a porta, recusando-se a acreditar que iria casar com a mulher mais feia que alguma vez na vida tinha visto.

Desesperado, entregou a chave à porta-voz da noiva e correu para dentro de casa, para falar com o pai.

A sua esperança era que o pai lhe permitisse devolver a noiva prometida.

Para sua desgraça, o pai confirmou-lhe que a aparência da noiva nunca tinha sido discutida e que tinha sido celebrado um acordo financeiro entre as duas famílias, que não poderia ser quebrado, principalmente, pelas contrapartidas favoráveis à família.

Quando Gen conheceu a nora, compreendeu o desapontamento e o desespero do filho, mas nada fez para alterar a situação, pois os interesses da família estavam em primeiro lugar.

O casamento foi consumado, o tempo foi passando e a infelicidade de Zheng aumentado, não só por estar casado com Yue, mas também por ter sido obrigado a interromper os seus estudos.

Quando a gravidez de Yue foi confirmada, Gen, não suportando ver a infelicidade do filho, chamando-o à parte, disse-lhe:

“Se me prometeres que vais honrar o teu casamento, que vens sempre passar as festividades do Ano Novo Chinês a casa e que antes de teres um filho varão com a Yue não arranjas nenhuma concubina, eu dou-te autorização para poderes voltar aos teus estudos.”

Prostrando-se aos pés do pai, depois de os beijar, respondeu:

“Meu senhor e meu pai, ao longo destes anos, que me permitiu estudar, desenvolvi os meus conhecimentos sobre a doutrina de Confúcio e dos seus seguidores, tendo oportunidade de descobrir que para o mestre dos mestres as virtudes mais dignas são a piedade filial, a humanidade, a integridade e o sentido do dever. Além de Confúcio defender, dentro da piedade filial, o respeito e a obediência aos pais e avós, ele recomendou-nos não ofender os nossos pais. Se já antes do que acabou de me dizer seria impensável desonrar os nossos ancestrais e o senhor meu pai, ser merecedor da sua confiança fará com que eu nunca o queira desapontar.”

“Nesse caso, prepara as tuas coisas, despede-te dos nossos ancestrais, da tua mãe, da tua esposa e dos nossos familiares mais próximos e vai aprofundar os teus conhecimentos, para que um dia me orgulhes, por seres o novo professor, aqui, na nossa aldeia, ou quem sabe, até mesmo, o chefe dela.”

O facto de a China ser um país onde a opinião das mulheres não contava, facultou as coisas, e Yue, a esposa de Zheng, teve de aceitar, sem ter o direito de contestar, a decisão do sogro.



Capítulo 3

Só no ano seguinte, quando regressou a casa para os festejos do Ano Novo Chinês, é que Zheng conheceu a sua filha Ning (que significa Tranquilidade).

Durante a sua permanência, cumpria as suas obrigações de esposo, na esperança de Yue ficar grávida de um rapaz, o que lhe permitiria libertar-se da promessa feita ao pai.

No ano seguinte, Zheng e Yue foram pais, novamente, mas de outra menina, Huan (que significa Felicidade).

Em 1929, para felicidade e alívio de Zheng, nasceu o tão desejado menino, Gan (que significa Aventuroso).

Os nomes dos três filhos de Zheng e Yue foram escolhidos por Gen, o pai de Zheng, sem ter consultado a opinião de ninguém.

Com 23 anos, Zheng completou os seus estudos e viu-se obrigado a regressar a casa, mas nem essa situação fez com que voltasse a ter uma vida conjugal com Yue. Sentindo-se rejeitada, ela tornou-se numa mulher agressiva.

Zheng fundou, nesse ano, uma escola na sua aldeia e, dois anos mais tarde, para felicidade e orgulho do pai, além de oficial escolar, por ser o homem mais letrado da aldeia, foi convidado para ser o chefe da aldeia.

Os anos foram passando, sem que houvesse alguma transfor-

mação de relevo no clã Wang, até que, em 1934, Gen adoeceu e, em menos de uma semana, acabou por falecer. A partir dessa data, Zheng assumiu os destinos da família.

Zheng manteve o caixão com o cadáver do seu pai, em casa, durante três anos, antes de o sepultar, e a família permaneceu de luto, ainda, durante mais um ano.

Findo o luto, em 1938, Zheng resolveu fazer uma viagem e visitar a escola onde tinha estudado, não só para matar saudades dos seus mestres e de alguns condiscípulos que ainda lá permaneciam, mas também para partilhar algumas ideias, experiências e opiniões.



Capítulo 4

Shing (que significa Vitória) Qian, um dos discípulos que tinha crescido com Zheng, pertencia a uma família muito rica.

Zheng soube que a família do seu discípulo tinha perdido quase todos os bens e resolveu ir visitá-los e certificar-se de que havia alguma forma de os ajudar.

Quando chegou, verificou que a situação ainda era pior do que pensava, a tal ponto que tiveram de vender os muitos escravos que possuíam, restando apenas um casal, que de pouco lhes servia, uma vez que as terras onde anteriormente trabalhavam já não pertenciam aos Qian.

Com o propósito de os ajudar, Zheng resolveu comprar esse casal de escravos, tendo negociado o preço deles com o patriarca da família, Chung (que significa Inteligente) Qian, a quem pagou o preço combinado, com o objetivo de os levar para trabalharem nas suas terras.

Na véspera de regressar a casa, por casualidade, avistou uma jovem, cuja beleza lhe cortou a respiração. Passou a noite acordado, pois a imagem dela não lhe saía da mente.

Na manhã seguinte, antes da partida, descreveu-a a Shing, perguntando-lhe se sabia quem era. Shing, depois de recuperar da surpresa da sua irmã ter permitido ser vista por um homem estranho, disse-lhe tratar-se da sua irmã mais nova, Chun (que significa Primavera), de apenas doze anos.

“Se nos referimos à mesma mulher, ela parece ser mais velha.

Para que a dúvida não me acompanhe, o Shing, pode pedir autorização ao seu pai para que eu a possa ver?”

“Zheng, antes de eu falar com o meu pai, preciso de saber se para além de querer esclarecer a sua dúvida, tem mais algum interesse?”

“Como deve estar lembrado, quando me casei, tive a pouca sorte de me calhar uma mulher tão feia e desprovida de qualquer atributo interessante que embora me tenha dado três filhos, eu nunca consegui aceitar...”

“Mas ela continua a ser sua esposa e a viver debaixo do seu teto, certo?”

“Sim e vai ter de continuar a ser minha esposa, porque respeitou o luto do meu pai durante quatro anos.”

“Infelizmente, para si, nesses casos, a lei não nos permite abandonar as esposas.”

“Entende, agora, o dilema e a frustração em que vivo?! Não me posso ver livre dela, mas também não quero ter nada com ela, pelo que, para ser feliz, só me resta arranjar uma concubina...”

“Se arranjar uma concubina, ela vai ter de coabitar com a sua esposa, o que irá gerar um enorme conflito entre elas e os restantes membros da família.”

“Eu tenho consciência disso, mas lá estarei para proteger a concubina que escolher e para controlar o melhor possível a situação. O certo é que não estou disposto a abdicar da minha felicidade...”

“E acha que uma concubina o vai fazer feliz?”

“Não uma concubina qualquer, mas aquela por quem me apaixonar...”

“Nesse caso, não lhe adianta ver a minha irmã, pois como ela só tem doze anos, não tem idade, nem para casar, nem para se tornar concubina de ninguém.”

“Se eu gostasse dela, esperaria...”

“Isso diz agora, mas...”